

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.  
DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO.  
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDRESSA FERNANDA DA SILVA

O LUTO E O PROCESSO APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA: REFLEXÕES INICIAIS

MARINGÁ  
2011

ANDRESSA FERNANDA DA SILVA

O LUTO E O PROCESSO APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA: REFLEXÕES INICIAIS

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero.

MARINGÁ  
2011

ANDRESSA FERNANDA DA SILVA

**O LUTO E O PROCESSO APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA: REFLEXÕES  
INICIAIS**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá-UEM, como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Mestre Celma Regina Borghi Rodriguero.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero/UEM

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Solange Franci Raimundo Yaegashi/UEM

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Janira Siqueira Camargo/UEM

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu amado Deus pela sua bondade e misericórdia, por não me deixar desanimar durante esses quatro anos e me sustentar quando tudo parecia não estar no caminho certo.

À minha querida professora Celma, que foi por mim “intimada” ainda no segundo ano da graduação e aceitou me orientar na realização desse trabalho, mesmo sendo uma pessoa extremamente atarefada. Sem seu auxílio e talento esse trabalho não teria saído do plano das idéias, muito obrigada pela paciência e conselhos.

À minha estimada família, obrigado por depositarem em mim a confiança para todas as horas. Pai, mãe, eu amo vocês e me sinto honrada em tê-los como pais. Tato, Hellen, Bya, vocês são os melhores irmãos do mundo, Keila você é minha cunhada preferida, um beijo em cada um de vocês, também os amo muito. Obrigada pelas orações, pela paciência, pelo carinho e cuidado, pelo apoio financeiro enfim por tudo. Keila obrigada por me acolher em sua casa nos dias de estágio, isso fez muita diferença naqueles dias.

Aos meus colegas de sala e professores que compartilharam comigo a trajetória que culminou na realização desse trabalho, vocês fazem parte de uma importante etapa de minha vida.

A todas as pessoas que se fizeram presentes, que se preocuparam, que foram solidárias, que torceram por mim, nessa categoria merece especial registro minha preciosa amiga Stephanie, pelo carinho nas horas difíceis (que não foram poucas), pela paciência em me ouvir falar tanto em luto, pelas leituras que fez do meu trabalho, pelas horas boas também, é claro, aprendi muito caminhado ao teu lado nesses quatro anos, sem você no meu caminho a faculdade teria sido diferente e talvez não tivesse a mesma graça minha parça.

Para finalizar agradeço as crianças que fizeram parte dos estágios e suas professoras que nos receberam tão amigavelmente e por fim agradeço meus irmãos em Cristo da 1ª Igreja do Evangelho Quadrangular de Paiçandu, obrigada por suas orações e palavras de ânimo.

*Se fossemos capazes de saber quando e onde  
voltaremos a nos encontrar, nossa despedida  
seria mais terna e não sofreríamos tanto.*

*Diane Amarante*

SILVA, Andressa Fernanda da. **O luto e o processo aprendizagem na infância: reflexões iniciais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero, 2011.

## RESUMO

Estudos de diversos autores tratam das influências das situações de luto no cotidiano da criança e, os reflexos dessas na conduta geral da mesma. Ao longo da vida sofremos perdas e a experiência do luto, é um processo que nos ajuda a compreender a perda, enfrentar e superar dificuldades e obstáculos. Nesse sentido, faz parte do processo de crescimento do ser humano. Nesta perspectiva, essa pesquisa teve como tema as implicações do luto nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem na primeira etapa do ensino fundamental. O estudo teve como objetivo verificar como a criança reage à situação de luto e, como esta pode se refletir no processo ensino-aprendizagem da mesma. O interesse pela temática originou-se de leituras e também por ser um assunto pouco difundido no meio acadêmico. Justifica-se, pela compreensão de que a vida é constituída por ciclos e, faz parte do processo de desenvolvimento da criança, compreender que a morte é parte do ciclo da vida do ser humano. Além disso, muitas vezes, a criança não é exposta, no âmbito familiar, a conversas sobre o tema. O presente trabalho, de caráter introdutório e teórico, buscou envolver pesquisadores que refletem sobre a temática e foi realizado no formato de artigo. Como resultado, verificou-se a necessidade de preparar os professores para trabalhar essa temática em sala de aula, visto que a negação do tema pode refletir-se na consolidação do processo de luto e impedir que o aluno avance nas questões educativas, caso a família e a escola, se omitam deixando de tratar do assunto de forma clara. Foi possível verificar também, que ainda são poucos os estudos que envolvem o tema.

**Palavras - chave:** Luto; Morte; Criança; Aprendizagem.

SILVA, Andressa Fernanda da. **O luto e o processo aprendizagem na infância: reflexões iniciais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero, 2011.

### **ABSTRACT**

Studies from various authors deal the influence of the mourning situation on children's life and, its reflexes on their behavior. We suffer losses and mourning experiences in our long life, this is a process that helps us to understand these losses, to face them and overcoming difficulties and barriers. It is part of the growing up process of the human being. From this perspective, the theme of this research is about the implications of the mourning on learning development in the first stage of basic education. The purpose of the paper is to verify how children react to the situation of being in lute and how that can reflex on their teaching-learning process. The interest about the thematic arose from reading and, also, because the subject is not so much widespread in academic. It is justified by the comprehension that life is constituted by cycles and, it is part of the child development to understand that death is a part of this human being life cycles. Further, most of the times, the child is not present, at the familiar environment, to conversations about the subject. The present paper, which is introductory and theoretical, tried to wrap up researches about the thematic and it has been developed as an article. As results of the studies, it was noted the necessity in preparing the teachers to develop this thematic at the classrooms, since the negative to the theme can result in a consolidation of the mourning process and it can delay the student development in educations matters, in cases in which the family and the school are omitted and do not develop the matter clearly. It was also possible to notice that there is a lack of work around this thematic.

**Keywords:** Mourning; Death; Children's; Learning

## INTRODUÇÃO



**Fig.1 A mãe morta e a criança (MunchEdvard)<sup>1</sup>**

A temática definida para esse estudo, o luto e o processo de aprendizagem na infância é pouco difundida no meio acadêmico, porém de grande importância, uma vez que, o corpo docente, muitas vezes se defronta com essa experiência complexa, presente na vida de todo ser vivo e que provoca nas crianças em especial, um impacto que pode interferir na formação.

O artigo teve como objetivo geral verificar como a criança reage à situação de luto e, como esta pode se refletir no processo ensino-aprendizagem dela, e o que o professor e a equipe pedagógica podem fazer numa situação como esta. O trabalho será apresentado na forma de artigo. Inicialmente realizar-se-á uma breve reflexão sobre a concepção de morte, bem como a de luto e, na sequência será apresentada uma reflexão sobre as implicações da morte e do processo de luto no ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Edvard Munch (1863 – 1944), sua obra mais notória é O GRITO de 1893, no entanto o pintor tem uma obra extensa e muito dela retrata seus dramas internos. Munch foi assolado pela morte desde a mais tenra infância. Primeiro, a morte da mãe quando tinha cinco anos de idade e, depois, a morte da irmã querida por tuberculose quando ela tinha quinze anos de idade. Como o próprio Munch disse certa feita ao definir sua obra "a doença, a loucura e a morte foram os anjos negros que velavam meu berço e que me acompanharam por toda a vida". Nesta pintura (a mãe morta e criança) temos o corpo da mulher morta na cama praticamente transparente sinalizando com clareza que não possui mais vida. O tom esverdeado da parede "abraça" os personagens presentes na pintura como que expressando a doença mortal que agora faz parte também de todos. A garotinha expressa seu espanto e medo diante da morte. Tapa os ouvidos numa atitude negadora e ao mesmo tempo parece clamar por uma ajuda que não vem dos adultos. Ela está inapelavelmente sozinha diante da morte da mãe, pois os adultos apressados se ocupam das intercorrências mais práticas e imediatas da morte. Munch parece nos cobrar aquilo que as pessoas não estão fazendo na pintura. Quase que somos forçados a entrar no quadro e abraçar a menina!



Tendo em vista que a morte acontece com todas as pessoas, é necessário que ela seja tratada com seriedade e como algo concreto, levando sempre em conta a idade e o estágio de desenvolvimento que a criança se encontra. Segundo Torres (1999, p. 119)

O processo e os resultados das reações da criança ao luto dependerão de vários fatores, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, de sua estabilidade psicológica e emocional e da própria significação da perda, isto é, da intensidade e diversidade dos laços afetivos.

Na sala de aula, esse tema tende a tornar-se mais delicado, tendo em vista a diversidade cultural e concepções existentes. Cabe ao professor e à equipe pedagógica fazer a mediação entre a criança e a realidade. Um psicólogo pode atuar como apoio também, para que o processo de luto não venha interferir em todas as áreas da vida da criança, especialmente na vida escolar. Os adultos que cercam a criança precisam deixar o constrangimento de lado e, usar uma linguagem adequada para falar com ela de forma que não se afaste da realidade.

Ante os argumentos expostos, entende-se como necessária a reflexão sobre essa temática visando contribuir para que o professor possa melhorar seu trabalho em sala de aula, esclarecer essas questões quando se defrontar com crianças que estejam vivenciando um processo de luto e, proporcionar a esses estudantes um ambiente acolhedor e de aprendizagem, já que o processo de luto é experienciado de forma diferente por cada pessoa.

Diante do exposto, a proposta de investigação tem como tema o luto na infância e as possíveis implicações no processo de desenvolvimento e aprendizagem e pode ser colocada da seguinte forma: como a criança reage à situação de luto e, como essa pode se refletir no seu processo ensino-aprendizagem? O estudo é de caráter introdutório e teórico, portanto, serão discutidas e confrontadas as idéias de pesquisadores e teóricos que abordam essa temática.

## **A CONCEPÇÃO DE MORTE: ALGUMAS REFLEXÕES**

O assunto morte normalmente é silenciado nas conversas entre adultos e principalmente quando estas são presenciadas por crianças. E, segundo vários autores, é nosso maior medo enquanto seres humanos. A morte nada mais é que o fim de uma vida e, neste sentido, o código de ética médica, segundo Silva (2007) se refere ao óbito como o momento da morte encefálica, sendo impossível após a paralisação cerebral, o retorno à vida.

É evidente que a morte causa dor e sofrimento e para Rimpoché (2001, apud CESAR, 2001, p.40) “[...] temos dificuldade em lidar com a morte, porque ela revela a impermanência da vida. Sabemos que ela é certa, mas como desconhecemos quando ela ocorrerá, sentimos medo e não gostamos de falar sobre [...]”, mas nem por isso deve ser tratada com indiferença, uma vez que, se faz presente no cotidiano de todos.

A criança desde a mais tenra idade tem contato com a morte, seja de um animal de estimação ou de uma planta e, o que difere essas mortes da morte de um ser humano é a falta que o último nos faz, é a intensidade da dor, uma dor que nunca finda, mas com a qual, aprende-se a conviver com o passar do tempo.

Embora em muitos momentos neguemos a morte, não há verdade mais definitiva, já que ela faz parte do ciclo de vida de todos os seres humanos, como ser vivo que é, independente de crença, de cor, de raça ou qualquer outra característica que uma pessoa possua. Dessa forma, para Vomero (2002, p.37), “[...] pode-se conviver melhor ou pior com ela. Mas não se pode evitá-la. Pode-se aceitar a sua inevitabilidade e olhá-la de frente. Ou pode-se negá-la, fugir dela, imaginar que não pensar na morte possa fazer com que ela deixe de acontecer [...]”. A maioria das pessoas adota a postura de evitá-la, mas, algumas vezes, ela é anunciada, no caso de doenças, por exemplo, ou ainda pode chegar de surpresa como num acidente de automóvel ou desastre natural.

Nesta perspectiva para Kovacs (2010, p. 145), “[...] a imprevisibilidade deixa todos vulneráveis, pobres e ricos, homens e mulheres, atinge uma pessoa ou toda a comunidade. Pode ocorrer em virtude de acidentes da natureza ou ser produzida por guerras”.

A criança começa a compreender esta complexidade que é a morte a partir dos 04 anos de idade aproximadamente, e a maneira como ela compreende e adquire esse conceito varia de acordo com sua personalidade, ambiente social, cultural e religioso, bem como sua educação familiar, conforme destaca Cesar (2001). Mas a questão mais importante é a forma como a família trata o tema, não sendo prudente o uso de eufemismos, como “papai foi pro céu”, “mamãe virou uma estrela”, “vovó foi dormir com Jesus” ,quando for comunicar a morte de alguém para a criança, pois como destaca Bromberg (2000) isso só a confunde, uma vez que, dependendo da idade compreende a linguagem de forma literal.

Conforme Botomé e França (2005, p.547) “[...] a morte coexiste com a vida, o que não a impede de ser angustiante, incutir medo e, ao mesmo tempo, ser musa inspiradora de filósofos, poetas e psicólogos”. Shakespeare, por exemplo, teve na morte de seus personagens, o sucesso e reconhecimento de suas obras.

Para a criança compreender de fato o que é morte é necessário que ela entenda o conceito de irreversibilidade e o conceito de universalidade. Segundo Torres (1999) a irreversibilidade diz respeito à compreensão de que o corpo físico não pode viver depois da morte, ou seja, quando se morre não se torna a viver, e a universalidade refere-se à compreensão de que tudo que possui vida está suscetível à morte.

Até o final do século XIX, a morte era um acontecimento público e, conforme Ariès (1977) deveria ser encarada com naturalidade e resignação. Na Idade Média, com a espiritualidade em destaque, a igreja estimulava os fiéis a alegrarem-se com a chegada do fim, pois esse fim seria a porta para a vida eterna. A morte por doença previamente anunciada possibilitava a despedida dos entes na própria casa, como refere Maranhão (1985, p. 7-8)

A pessoa que pressentia a proximidade do seu fim, respeitando os atos cerimoniais estabelecidos, deitava-se no leito de seu quarto donde presidia uma cerimônia pública aberta às pessoas da comunidade. Era importante a presença dos parentes, amigos e vizinhos e que os ritos da morte se realizassem com simplicidade, sem dramaticidade ou gestos de emoção excessivos. O moribundo dava as recomendações finais, exprimia suas últimas vontades, pedia perdão e se despedia. O sacerdote comparecia: era tempo agora de esquecer o mundo e de pensar em Deus. O moribundo se confessava e, se tal fosse possível, fazia uma confissão geral. Recebia a comunhão, dada como alimento para a viagem.

Vale destacar que quando fazemos referência à presença dos parentes ao lado da pessoa que estava morrendo estamos, incluindo a criança, pois presenciava esses acontecimentos e nem por isso ficava abalada. Embora nossa sociedade tenda a ocultar da criança esse momento, Cesar (2001) salienta que a participação nos acontecimentos que envolvem a morte pode ajudá-la a tornar-se um ser humano melhor quando afirma:

Assistir alguém morrendo nos torna conscientes de nossos limites humanos e nos leva a ser mais realistas e menos pretensiosos quanto às nossas possibilidades. Mesmo assim não podemos nos esquecer de que mesmo encarando a morte de maneira positiva, ela continua feia e dura de se olhar. (CESAR, 2001, p.32).

É possível dizer então, que a morte era vista como algo natural ao ser humano, que a criança vivenciava esse acontecimento e, não lhe era omitido o motivo da morte, o porquê da ausência daquela pessoa. A criança mesmo sem compreender os conceitos de irreversibilidade e universalidade presenciava e sentia as dores dos adultos, participando inclusive do momento do sepultamento. Nada lhe era ocultado, mas isso não lhe fazia mal, como muitos pensam nos dias atuais, o que se confirma pela mínima presença de crianças em funerais. Para Cesar (2001, p. 26) “[...] A ausência de rituais de passagem em nossa cultura ocidental aumenta a

alienação daqueles que sofrem, tanto aqueles que enfrentam a morte quanto aqueles que estão ao lado deles”, por isso a necessidade de despedir-se das pessoas amadas e reconciliar-se com elas, e assim o morrer pode ser mais terno para os que ficam.

A partir do século XX a morte foi afastada do espaço familiar, tornando-se um acontecimento solitário e silencioso, programado para acontecer não mais em casa, mas sim no leito de um hospital. Quando se retira a morte do ambiente doméstico, o velório também se torna um momento mais frio, pois deixa de ser realizado na casa da família. O cemitério da atualidade, segundo Maranhão (1985, p. 18), “[...] se identifica cada vez menos como tal [...]”, talvez por que as pessoas estejam cada vez mais ocupadas com suas obrigações do dia-a-dia e menos preocupadas com a morte, ele tenha deixado de ser um local tão peculiar, para tornar-se um local mais simples, que não nos leve de imediato a pensar na morte, atualmente não se gasta mais fortunas na construção de mausoléus, até o século XIX isso acontecia segundo Bellomo (2010, apud De La ROCHA e FREITAS, 2010), porque a morte era tinha imenso valor, atualmente ela não ostenta mais esse caráter. Nas grandes cidades principalmente, a maioria dos túmulos estão sendo padronizados e a cerimônia de enterro é bastante breve conforme refere Maranhão (1985, p.18)

O corpo é enterrado numa cerimônia muito simples e rápida, como se quisesse neutralizar o acontecimento, não perturbando, assim, os sobreviventes. Isto quando o mesmo não é incinerado. A prática da cremação está sendo cada vez mais difundida e aceita, não tanto por razões higiênicas, econômicas ou ecológicas, mas porque se apresenta como a forma mais eficiente de fazer desaparecer tudo o que resta do corpo. Representa, igualmente, a abolição oficial das peregrinações ao cemitério, do culto às sepulturas, dos epitáfios. Do retrato esmaltado. E, por assim dizer da própria morte.

A morte tornou-se nos dias atuais um tabu, tem-se a falsa impressão de que se não presenciarmos o funeral a pessoa continua viva, e isso pode causar sérios danos. Para Cesar (2001), ao dissimular a morte, deixa-se de elaborar a realidade da mortalidade. Assim, quando o homem nega a morte de um semelhante ele também está afastando de si a possibilidade de um dia enfrentar a sua própria morte e, ainda segundo Maranhão (1985, p.19), “[...] ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem”.

Importante destacar, que o homem moderno vive como se jamais fosse morrer, os avanços na medicina o fazem crer nesse pressuposto, basta olhar para os índices de expectativa de vida que aumentaram muito nos últimos anos e, embora a morte seja evidenciada por todos diariamente nas ruas dos grandes centros ou nos programas televisivos, o homem nega-se a aceitá-la como condição permanente da vida.

Quando o homem acredita na sua possível imortalidade, ele retira o tema morte de suas conversas, e isso faz com que, quando ela ocorra, doa ainda mais. Neste sentido, conforme destaca Kübler - Ross (1997, p. 33) “[...] muito ajudaria se as pessoas conversassem sobre a morte e o morrer, como parte intrínseca da vida, do mesmo modo como não temem falar quando alguém espera um bebê”. Tal atitude poderia ser útil nos dias difíceis que se seguem após a experiência de perder alguém estimado. Além disso, facilitaria também o ato de comunicar essa morte às crianças. No entanto, quando a morte acontece na esfera familiar, em uma sociedade que, como afirma Kovacs (2010), interdita a morte, surge entre professores e familiares o seguinte questionamento: é adequada a presença de crianças em velórios e sepultamentos, pois existe a crença de que esses eventos poderiam causar sofrimento à criança. A autora argumenta que não faz mal a criança participar desses rituais tendo em vista que nessas cerimônias as emoções podem ser expressas, acolhidas e compartilhadas, dessa forma, esses rituais podem auxiliar na elaboração das perdas de forma construtiva.

Diante de um túmulo, podemos ter noção da finitude da vida humana, e isso também deve ser oportunizado para a criança mesmo que de início ela não compreenda o que realmente está ocorrendo. É estranho caminhar no silêncio de um cemitério, silêncio que é as vezes interrompido por gemidos de dor. Antes de serem colocadas no caixão, eram pessoas alegres, com muitos ou poucos amigos, mas isso não importa no instante derradeiro, quando a vida dá lugar à morte, quando um ciclo se encerra e uma dor se inicia para aqueles que permanecem. Para os autores já referenciados, isso não deve ser ocultado da criança, embora seja impossível falar desse assunto sem que a emoção e as lembranças aflorem e, mesmo que a criança não entenda o que se passa naquele momento, mais tarde, isso pode ajudá-la a lidar com os próprios sentimentos diante da perda.

Várias são as maneiras de se conceber a morte e, conforme Kovacs (1992) é possível concebê-la como uma perda, uma ruptura, uma desintegração, ou ainda, como um fascínio, uma sedução, uma viagem, uma entrega e, um alívio ou descanso; a criança pode então, dependendo de seus vínculos com o morto e, de acordo com seu desenvolvimento cognitivo encaixá-la em algum desses adjetivos. Se por exemplo, for um parente próximo que se encontrava na fase terminal de um câncer, ela normalmente irá compreender essa morte como alívio.

Ainda sobre a percepção da morte pela criança, Bromberg (2000) comenta que o conceito de morte pode variar, segundo os seguintes fatores: o momento do desenvolvimento psicológico da criança, a forma como os adultos lidam com a morte e a relação que a criança tinha com a pessoa falecida. Pode-se julgar então, que a criança precisa de uma atenção

redobrada ao perder um dos pais, pois segundo Raimbault (1979), quando a criança perde um dos genitores, além de perder um objeto de amor, ela também perde uma base identificadora.

Numa sociedade marcada por conflitos de diversas ordens, a morte é presença constante e vista diariamente. As crianças expostas a tudo isso são afetadas de diversas formas e, o problema não é a morte em si mesma, mas, o que se segue após, ou seja, o luto.

## **O LUTO EM QUESTÃO**

Afinal o que é o luto? Luto é um processo necessário quando se perde algo ou alguém. Um momento para a elaboração da perda, portanto, quando se fala de luto, não se trata apenas do luto por morte, embora esse seja o luto mais conhecido e aceito. Por exemplo, raramente se fala e se respeita o luto de uma pessoa que acabou um relacionamento, ou do adolescente que perdeu o corpo infantil, como referem Aberastury e Knobel (1981). No entanto, segundo Parkes (2009, p. 15) “[...] luto por morte é apenas um dos muitos eventos que enfrentamos de tempos em tempos na vida”, ou seja, enfrentamos vários tipos de luto durante a vida, este é apenas o mais aceito pela sociedade.

Schoen et al. (2004, apud LIMA, 2007, p.26 ) apresentam uma definição pertinente de luto, quando afirmam

Luto é o processo pelo qual alguém passa quando uma perda é experienciada. As experiências que fazem parte desse processo ocorrem em diferentes seqüências e intensidades e, assim como sua duração, dependem do indivíduo. Respostas de luto vão também depender de quão significativa é a perda.

Outra questão evidenciada, diz respeito ao fato de que o processo de luto é diferente para cada indivíduo e, talvez para a criança, seja algo ainda mais complexo. Conforme Viorst (1986), a lamentação da perda de um ente querido é relativa ao modo como sentimos a perda, o que depende da idade, tanto de quem sofreu a perda, quanto daquele que partiu e, ainda, de toda uma história compartilhada. Podemos prever então, que a perda da mãe, do pai ou de um irmão seja mais difícil para a criança de seis anos, do que a perda da avó para uma criança da mesma idade, principalmente porque nessa idade o vínculo - nem sempre é claro, assim, normalmente com a família nuclear, é mais intenso que o estabelecido com os avós.

Importante destacar que o luto compreende um processo doloroso que de acordo com pressupostos da psicanálise, encontra-se dividido em luto sadio e luto complicado, sendo que: o luto sadio é aquele em que a pessoa enlutada consegue com o mesmo retomar sua vida após

um período de mais ou menos um ano; o luto complicado por sua vez, é aquele em que a pessoa não consegue retomar sua rotina após a perda, precisando muitas vezes do acompanhamento de um profissional. Devido ao fato de a criança encontrar-se em desenvolvimento, Bromberg (2000, apud COMES, 2005, p.174) afirma que “[...] a criança é mais vulnerável para desenvolver patologias em consequência do luto”, daí a necessidade de tratar com sensibilidade e seriedade esse assunto com as crianças, sob pena de evitar males futuros.

O processo de luto é, por definição, um conjunto de reações diante de uma perda e, que não se refere somente à figura da morte física, como já foi dito anteriormente. Nesta perspectiva, Bowlby (1985) refere-se às quatro fases do luto: fase de choque e entorpecimento; fase de desejo e busca da figura perdida; fase de desorganização e desespero; fase de maior ou menor grau de organização.

A fase denominada de choque ou entorpecimento acontece posteriormente à comunicação da morte e pode durar poucas horas ou vários dias. É caracterizada pelo choque, pela descrença, pelo entorpecimento. A mente se organiza para aceitar o que aconteceu, mas, se nega a aceitar, mesmo diante de circunstâncias reais.

Na segunda fase, a de desejo e busca da figura perdida, é natural desejar o objeto que se perdeu e assim, procura-se, mesmo que inconscientemente, aquele que partiu, esperando por ele em locais de costume. Na criança, por exemplo, isso é comum na saída da escola, quando a pessoa que morreu era aquela que a buscava, é natural que ela ainda a procure. Importante ressaltar que às vezes essa busca pode acontecer de forma inconsciente sem que a pessoa se dê conta.

A terceira fase refere-se ao início da aceitação, ou seja, a pessoa começa a aceitar a realidade da perda, ainda deseja sua volta, podendo ficar agitada, mas aos poucos entende que não haverá mais volta.

Finalmente na última fase, a pessoa enlutada, consegue desenvolver certo grau de desligamento emocional com a pessoa que partiu, assim, começa a retomar sua vida, voltando a realizar as tarefas cotidianas. Pode continuar triste, o que é natural, porém consegue se organizar melhor.

É importante salientar que nem todas as pessoas passam por todas essas fases de luto embora o autor destaque que essas reações são esperadas na maioria das pessoas. Do exposto depreende-se que o luto por si só não é considerado uma doença, porém, como referencia Bromberg (2000), ele pode favorecer o aparecimento de certa sintomatologia que pode envolver aspectos afetivos como depressão e ansiedade, por exemplo, ou ainda, manifestações

comportamentais como agitação, fadiga e choro. É importante ficar atento a essas mudanças, na criança enlutada, pois isso pode prejudicar principalmente, o desenvolvimento escolar, tendo em vista que esses comportamentos dificultam o exercício da concentração e da atenção, necessárias ao bom desempenho escolar.

## **MORTES QUE PODEM ACARRETAR UM LUTO COMPLICADO**

Nem todas as pessoas gozam de uma boa morte, boa aqui entendida no sentido de provocada por uma doença que não deformou ou desfigurou o corpo e tornou possível um velório sem caixão lacrado. Toda morte exige um período de luto para que aqueles que ficam reorganizem suas vidas. É um período doloroso, mas que passa com o tempo, no entanto para Franco (2010) certas mortes causam um processo de luto mais difícil de elaborar.

Neste contexto, a morte oriunda de um suicídio deixa marcas profundas na família, e é uma das que apresenta maior número de pessoas necessitando de acompanhamento profissional para superação, tendo em vista que, os que ficam muitas vezes experimentam sentimentos de culpa, rejeição, impotência e algumas vezes, sentem raiva de si próprias por sentirem raiva daquele que partiu.

Outro exemplo de perda que merece destaque é o aborto, mesmo que tenha sido espontâneo e, segundo Silva (2007), se foi intencional, pode haver uma dificuldade ainda maior na elaboração do luto, pois está enquadrado entre as perdas socialmente negadas ou inaceitáveis, por tratar-se de um ser indefeso, principalmente em um país em que tal ato é considerado crime com pena prevista no código penal.

A morte com ausência de corpo também prevê um processo de luto difícil, exemplo disso, são as mortes em desastres aéreos ou ainda, tão comuns nos dias atuais os crimes praticados por facções criminosas em que se esquarteja o corpo e espalha os pedaços em locais distintos, dificultando reunir todas as partes desse corpo, daí a dificuldade de elaborar esse luto, pois não haverá funeral, e mesmo que os exames de D.N.A comprovem a identidade, a família pode ficar na dúvida, ou ainda alimentando a esperança de que a pessoa poderá retornar a qualquer momento.

A vida perdida em um assassinato também pode imputar aos que ficaram uma difícil tarefa de elaboração do luto, tendo em vista que essa morte poderia ter sido evitada e, a vida foi interrompida abruptamente, sem justificativa plausível.

Outra forma de “morte” se dá na forma de desaparecimento, pois assim como nos desastres aéreos, o corpo não aparece e não é possível a comprovação da morte.



Na atualidade estas são as perdas mais conflitantes no que se refere ao processo de elaboração do luto, toda morte é dolorosa, mas tem-se a impressão de que estas, dadas às circunstâncias em que ocorreram poderiam ser evitadas, por isso, o luto pode agravar-se chegando ao ponto de tornar-se um luto complicado, onde se faça necessário a intervenção de um profissional especializado. Assim, a criança que experiênciava a morte em alguma dessas circunstâncias, pode necessitar de acompanhamento psicoterapêutico.

## **LIDANDO COM A MORTE E O LUTO NO AMBIENTE ESCOLAR**

Em nossa sociedade presenciamos uma mudança na maneira como os adultos lidam com a criança e suas emoções, em especial a criança que passa pelo processo de perda de entes queridos, ou familiar próximo. Os pais, conforme destaca Raimbault (1979), são para os filhos uma base identificadora, mas para a criança a perda de um irmão também pode desencadear profundas mudanças em sua rotina. Para Raimbault (1979), ela pode se achar no dever de preencher o lugar do irmão que se foi, para consolar os pais, ou ainda tentar desempenhar junto ao pai ou a mãe, o papel de amigo consolador. Portanto, os pais devem tomar cuidado para não se tornarem um fardo para os filhos, pois isso poderá trazer consequências negativas à vida dessa criança.

Bowlby (1985) destaca que o rompimento de uma relação ou uma perda desencadeia sentimentos e comportamentos diversos, podendo levar o enlutado ao entorpecimento e a melancolia, a um período de desorganização e prostração, até que possa iniciar um trabalho de elaboração desta perda, retomando a organização da própria vida.

A escola deve compreender que isso é um processo e o professor deve estar preparado. Kovacs (2010), no entanto, salienta que, a maioria dos educadores não acredita que seja sua função falar sobre o tema da morte com os alunos, pois para estes, essa é uma tarefa da família. Esse pensamento pode travar a elaboração do luto dessa criança, por que muitas vezes a família também silencia sobre o assunto. Domingos (2000, apud KOVACS 2010) enfatiza que a escola não substitui a família, mas sua ajuda é importante. Para a autora deve-se ter em vista que a morte faz parte da vida de muitas crianças, e considerando o fato de que essas crianças passam grande parte do dia na escola, faz parte da tarefa do educador atender aos alunos enlutados, no entanto, muitos como já foi dito, se negam a realizar essa tarefa.

Sendo a escola o ambiente social talvez mais frequentado pela criança e, talvez também o mais diversificado, pois cada aluno tem uma vivência, uma família, enfim, uma estrutura diferente, toda equipe pedagógica deve estar empenhada em ajudar o aluno na

superação dessa fase, além de oferecer condições materiais concretas para que isso de fato ocorra.

Dessa forma, como a fase de elaboração da perda é diferente de pessoa para pessoa, o professor deve procurar conhecer o tema, de modo a possibilitar o encaminhamento adequado e necessário a esse aluno. E, se essa elaboração perdurar por muito tempo, o professor deve buscar orientação e ajuda profissional.

Algumas crianças, por exemplo, quando enfrentam situações de perda de alguém próximo, na fase do luto podem desenvolver doenças de cunho emocional, principalmente por ser a criança um ser vulnerável, por ter ainda pouco conhecimento de mundo e de vida. Kovacs (2010, p.148) salienta que “[...] Crianças que vivenciaram perdas podem apresentar problemas sociais, baixa autoestima e ansiedade, o que ressalta a necessidade de que os professores saibam desses fatos, para compreender e acolher seus alunos”. O professor deve estar atento a essas mudanças comportamentais, além das mudanças citadas pela autora outras também podem se seguir durante o processo de luto como, por exemplo: distanciamento dos colegas, distúrbios alimentares, comportamento agressivo, déficit de atenção entre outros.

Nesta perspectiva, o professor deve procurar compreender o aluno e, permitir que expresse suas emoções, pois, a partir de sua fala e suas brincadeiras e de outras situações que permeiam o ambiente escolar, poderá deixar a tensão de lado e, com as experiências adquiridas vai obtendo, mesmo que lentamente, um conhecimento de mundo e, por conseguinte, acerca do término do ciclo da vida.

É recomendável, trabalhar com a criança usando recursos como brincadeiras, jogos e o lúdico, pois conforme Raimbault (1979) e Winnicott (1983, apud SILVA 2007, p. 31) “[...] no lúdico a criança se sente mais confiante e a vontade para expressar seus medos, angústias, sofrimento e fantasias a respeito das perdas e da morte”, tendo então o lúdico como ferramenta o professor pode explorar maneiras de mostrar à criança a transitoriedade da vida. Outra forma de trabalhar esse assunto em sala de aula sem constranger a criança é propondo brincadeiras que promovam sua socialização, visto que, pelo fato de estar em processo de enlutamento, pode distanciar-se dos colegas e, por meio da brincadeira, como destaca Kishimoto (1997), a criança explora seus pensamentos, e socializa-se por meio de interações com os pares. O professor observando de que forma a criança utiliza esses momentos para se expressar, pode se situar no seu universo e então ajudar o aluno, visando encaminhar melhor sua aula de forma que o aluno mesmo com as limitações momentâneas que o processo de luto pode acarretar, se integre às atividades.

O ato de brincar, segundo Bettelheim (1988, apud BOMTEMPO 1997), faz com que a criança seja capaz de lidar com as dificuldades psicológicas, porque nesse momento ela busca integrar experiências, sejam elas de dor, medo ou perda, pode também entender conceitos de bom e mal. Nesse sentido, os professores devem incentivar seus alunos a brincarem, porque esse ato se configura numa válvula de escape e pode auxiliar a criança que passa por um processo de perda.

Uma criança que enfrenta a perda de um objeto de amor pode sofrer pressões do meio externo, quando a realidade causa mudanças bruscas em seu cotidiano, ainda segundo o autor, por meio das fantasias imaginativas e das brincadeiras baseadas nelas, essas crianças podem começar a compensar as pressões sofridas, que podem ser o desejo de não mostrar tristeza diante dos adultos, por exemplo, ou então reprimir o choro em circunstâncias que seriam aceitáveis, mas sob pena de fazer o outro se sentir ainda pior, ela se retrai, fingindo que está tudo bem, poupando assim o sofrimento daqueles que estão ao redor.

Enquanto brinca, a maioria das crianças entra em seu próprio mundo, na escola isso talvez seja mais frequente e, se o professor percebe que ela se sente melhor enquanto brinca, pode estender esses momentos, pois para Vygotsky (1984, apud BOMTEMPO, 1997, p. 64)

[...] o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para constituir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real.

Do exposto, evidencia-se que as atividades lúdicas permitem que a criança represente o papel ora passivo, ora ativo, isso pode segundo Peller (1971, apud BOMTEMPO, 1997) reduzir o efeito traumático que alguma experiência recente possa ter causado, e deixar o indivíduo melhor preparado para quem sabe, ser submetido novamente ao papel passivo, se uma nova situação exigir. Para o autor, isso explica em grande parte o efeito benéfico da brincadeira. Podemos notar o quão necessário e importante é o ato de brincar para crianças, especialmente para aquelas que enfrentam um processo de luto. A escola, como instituição destinada a educar e preparar os alunos para as mais variadas experiências pode ter como ferramenta auxiliadora num caso como esse, o brincar, livre e espontâneo, que como referido anteriormente, ajuda a criança a enfrentar essa dor.

Corroborando esse pensamento, Garbarino (1992 apud, BOMTEMPO 1997, p. 69) quando destaca

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros.

Como proposta de intervenção também é notório o papel que o desenho ocupa, pois conforme Aberastury (1984), por meio do desenho a criança pode expressar fantasias dolorosas, que a deslocam muitas vezes de sua realidade para um mundo imaginário. Em seus desenhos, pode ficar evidente o desejo de que a pessoa morta volte a ter vida, isso se a criança ainda não for capaz de compreender o conceito de irreversibilidade. Quando o professor permite que seu aluno desenhe livremente, ele abre caminho para que a criança externar suas emoções e sentimentos, algo que é muito valioso num momento como esse.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Realizar o presente trabalho foi importante, uma vez que, oportunizou aprofundar a reflexão sobre questões, pouco discutidas e mesmo angustiantes, como a morte e o luto vivenciado na infância. A perda de uma pessoa querida é um acontecimento doloroso e, para a criança, pode ser ainda mais. Comunicar a perda e amparar a criança enlutada também é um ato difícil e, portanto, deve ser feito com amor e obedecendo sempre à capacidade de compreensão da criança. No entanto, algumas famílias negligenciam à criança experienciar o contato com a morte o que não parece ser o comportamento ideal, pois a vida em si mesma é constituída por pequenas perdas vivenciadas diariamente, inclusive pela criança.

Foi possível evidenciar por meio do estudo, que não existe receita para trabalhar com a criança enlutada, pois, assim como cada criança é única, cada processo de luto também é único, cada criança vivencia de uma maneira peculiar a perda à qual foi submetida, com ou sem aviso prévio. Nesse sentido, se faz necessário o apoio dos grupos que a criança faz parte e a escola tem importante papel neste cenário, visto que é função desta, preparar o futuro cidadão, e entendemos formar cidadão, no sentido amplo da palavra, ou seja, formar para a vida, por isso a necessidade de reflexões sobre esse tema na escola.

A dor do luto pode nos humanizar, quando consegue nos fazer entender a necessidade de cultivarmos boas relações com o outro, ela nos humaniza quando a partir dela percebemos nossa impotência diante da finitude, percebemos que precisamos do outro, para chorar, para dividir uma experiência. E, como é função da escola educar para a vida, tratar da morte e seus dilemas em sala de aula, inclusive nos anos iniciais do ensino fundamental, pode constituir-se uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento.

Pode-se dizer ainda, que esta reflexão inicial, aponta a importância de se ampliarem as discussões e debates sobre a temática em questão, dada a necessidade de se compreender cada vez mais a complexidade dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, assim como as questões e peculiaridades que intervêm nestes processos.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. A percepção da morte na criança. In:\_\_\_\_\_ (Col.) **A percepção da morte na criança e outros escritos**. Traduzido por Maria Nestrovsky Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. p. 128-139.

\_\_\_\_\_e KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Traduzido por Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz- de- conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T, M. (Org.), 2º ed. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 57-71.

BOTOMÉ, P. S; FRANÇA, M, D. É possível uma educação para morte? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 547- 548, set./dez. 2005

BOWLBY, J. **Apego, perda e separação**. São Paulo: Martins Fontes, 1985

BROMBERG, M. H. P. F. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas – SP: Livro Pleno, 2000.

CÉSAR, B. **Morrer não se improvisa: relatos que ajudam a compreender as necessidades emocionais e espirituais daqueles que enfrentam a morte**. São Paulo: Gaia, 2001.

COMES, L. G. M. B. Manifestações depressivas da criança enlutada. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, n.1, v. 6, p. 173-191, 2005. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/CSAUDE/2005/manifestacoes.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2010.

DE LA ROCHA, C. E; FREITAS, M. M. Cemitérios em Porto Alegre, museus a céu aberto. **Universo IPA**, ano 6, ed 9, jul. 2010. Disponível em: [http://metodistadosul.tempsite.ws/universoipa/impessos/doc\\_view/15-cemiterios-em-porto-alegre-museus-a-ceu-aberto.html](http://metodistadosul.tempsite.ws/universoipa/impessos/doc_view/15-cemiterios-em-porto-alegre-museus-a-ceu-aberto.html). Acesso em: 23 set. 2011

FRANCO, M, H, P. Por que estudar o luto na atualidade? In:\_\_\_\_\_ (Org.) **Formação e Rompimento de Vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010. p.17-42.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedo e brincadeira na educação infantil japonesa: Proposta curricular dos anos 90. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 60, p. 65 – 88, Dez. 1997.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Traduzido por Paulo Menezes. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KOVACS, M. J. Representações de Morte. In: \_\_\_\_\_ (Coord.) **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 1-13.

\_\_\_\_\_. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P. (Org.) **Formação e rompimento de vínculos**: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010. p. 145 – 168.

LIMA, R, V. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. 2007. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/.../LimaDissertacao.pdf>. Acesso em: 03 set. 2010

MARANHÃO, J, L, de S. **O que é Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MUNCH, E. **A mãe morta e a criança**. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/11798-morte-e-pintura-alguns-quadros-de-edvard-munch>. Acesso em 02 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Edvard Munch**. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Edvard\\_Munch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edvard_Munch). Acesso em 19 nov. 2011.

PARKES, C, M. **Amor e perda as raízes do luto e suas complicações**. Traduzido por Maria Helena Pereira Franco. São Paulo: Summus, 2009.

RAIMBAULT, G. **A criança e a morte**: crianças doentes falam da morte: problemas da clinica do luto. Traduzido por Roberto Cortes Lacerda. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

RUIZ, E. **Morte e pintura**: Alguns quadros de Edvard Munch. Disponível em: <http://www.tanatologia.net/2011/05/morte-e-pintura-alguns-quadros-de.html>. Acesso em 19 nov. 2011.

SILVA, S. da C. **Contribuições da psicologia existencial no enfrentamento das perdas e da morte**. 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, 2007. Disponível em: [http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane\\_Soleto\\_da\\_Silva.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane_Soleto_da_Silva.pdf). Acesso em: 08 set. 2011.

TORRES, W. da C. **A criança diante da morte**: desafios. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VIORST, J. **Perdas Necessárias**. Traduzido por Aulyde Soares Rodrigues. 25. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

VOMERO, M, F. Morte. **Super Interessante**, São Paulo, edição 173, fev. 2002. p. 37-44.